

Dossier "Historia antigua en Iberoamérica"

Os antigos gregos e os intelectuais modernos: Recepção da Antiguidade entre os letrados paranaenses (1889-1930)

The Ancient Greeks and Modern Intellectuals: The Reception of Antiquity among Elite Men in Paraná (1889-1930)

Los antiguos griegos y los intelectuales modernos: Recepción de la Antigüedad entre los hombres de la elite de Paraná (1889-1930)

Recibido: 6 de agosto de 2025


Aceptado: 5 de febrero de 2026

Publicado: 23 de junio de 2026

DOI: [10.22517/25392662.25761](https://doi.org/10.22517/25392662.25761)

pp. 89-111

 **Renata Garraffoni***
resenna93@ufpr.br

 **Guilherme B. Santos****
guilerbohns@hotmail.com

Licencia Creative Commons
Atribución/Reconocimiento-
NoComercial-SinDerivados 4.0
Internacional — CC BY-NC-ND 4.0.



* Doctora en Historia por la Universidad Estatal de Campinas, profesora de Historia Antigua en el Departamento de Historia de la Universidad Federal de Paraná, Curitiba, Brasil, desde 2004.

** Estudiante de maestría en Historia en la Universidad Federal de Paraná (UFPR), investiga la recepción del mito del Minotauro en la obra del escritor argentino Jorge Luis Borges a partir de las relaciones entre el lenguaje, la crítica y la sociedad. Es miembro del grupo de estudios «Historia Antigua y Conexiones».



Resumo

O presente artigo visa analisar como a Grécia Antiga aparece nos discursos sobre progresso na cidade de Curitiba na virada do século XIX para o XX. A partir de uma perspectiva crítica dos estudos de recepção da Antiguidade na Modernidade, analisaremos três revistas Club Curitybano, A Penna e Azul para compreender como, a partir da História da Arte, esses intelectuais constroem um novo lugar para a cidade e, conseqüentemente, geram embates identitários. Para tanto, iniciamos apresentando o contexto histórico, os estudos sobre as revistas e nossa posição teórica, para em seguida discutir as perspectivas de modernidade que surgem a partir da Grécia Antiga, influenciando não só a estética da cidade, bem como as identidades que se formavam.

Palavras-chave: estudos de recepção, modernidade em Curitiba, revistas literárias.

Abstract

This article aims to analyze the presence of Ancient Greece in discourses on progress in the city of Curitiba at the turn of the twentieth century. From a critical perspective grounded in Reception Studies, it examines three journals: Club Curitybano, A Penna, and Azul, to understand how, drawing on art history, these intellectuals constructed a new place for the city and, consequently, generated identity conflicts. To this end, the article begins by presenting the historical context, the scholarship on these journals, and its theoretical framework, before discussing the perspectives of modernity that emerged from the reception of Ancient Greece, influencing not only the city's aesthetics but also the identities that took shape.

Keywords: classical reception studies, modernity in Curitiba, literary journals.

Resumen

Este artículo busca analizar la presencia de la Antigua Grecia en los discursos sobre el progreso en la ciudad de Curitiba a finales del siglo XIX y principios del XX. Desde una perspectiva crítica de los estudios sobre la recepción de la Antigüedad en la Modernidad, analizaremos tres revistas: Club Curitybano, A Penna y Azul, para comprender cómo, a partir de la historia del arte, estos intelectuales construyen un nuevo lugar para la ciudad y, en consecuencia, generan conflictos de identidad. Para ello, comenzaremos presentando el contexto histórico, los estudios sobre las revistas y nuestra postura teórica, para luego discutir las perspectivas de modernidad que surgieron de la recepción de la Antigua Grecia, influyendo no solo en la estética de la ciudad, sino también en las identidades que se formaron.

Keywords: estudios de recepción, modernidad en Curitiba, revistas literárias.

Introdução

O século XIX é, sem dúvidas, um dos períodos mais estudados pela historiografia brasileira, pois há uma série de mudanças políticas que ocorrem em poucas décadas: a vinda da Família Real Portuguesa (1808), a Independência (1822), final do escravismo (1888) e Proclamação da República (1889). Esses marcadores políticos, atrelados às mudanças sociais e o estabelecimento de uma burguesia letrada ávida por modernizar as cidades, produziram impactos diferentes no território, dada a extensão que ocupa a nova nação. Isso significa que muito se escreveu sobre o final do período imperial e início da chamada Primeira República (1889-1930), há, portanto, uma extensa historiografia sobre os impactos das lutas dos escravizados pela abolição, os conflitos inerentes aos projetos políticos de embranquecimento da população e seus vieses higienistas, a modernização das cidades, os embates pelo progresso, as alterações no sistema educacional, o desenvolvimento tecnológico, entre tantos outros temas inerentes a esse momento.

No entanto, a partir de nossa experiência de estudiosos dos processos de Recepção greco-romana na Modernidade latino-americana, destacamos uma faceta ainda pouco discutida no emaranhado cultural que se desenvolve nas últimas décadas do século XIX e início do XX: a retomada dos valores gregos antigos nos discursos sobre progresso que se espalham pelo Brasil. Tido por muitos estudiosos como algo exótico ou mesmo como cópia da cultura europeia, por tais razões aspecto menos relevante dos embates e, conseqüentemente, menos analisado pela historiografia, o fato é que o fenômeno se espalhou por todas as regiões do Brasil, deixando um patrimônio literário, arquitetônico e artístico diversificado e ainda pouco explorado. Para que se tenha uma ideia, um dos autores desta reflexão, Garraffoni, em parceria com Vergara, fez um levantamento nos jornais brasileiros do período e encontraram uma grande quantidade de reportagens que comparavam cidades brasileiras ou seus habitantes à Atenas ou aos gregos antigos. Foram levantadas quarenta e três Atenas, algumas Espartas e uma Corinto no Brasil¹.

Em todas essas cidades a referência ao mundo helênico se dava pela associação a presença das escolas, portanto, do desenvolvimento do ensino e das letras, bem como das artes, em especial os teatros e óperas, mas sua presença material também é bastante forte, seja nas fachadas dos edifícios ainda remanescentes, como na arte tumular dos cemitérios mais antigos das cidades. Saltou aos olhos que a primeira e única “Atenas brasileira” é São Luis do Maranhão, logo a mais estudada². As demais têm seu título atrelado ao local como, por exemplo,

1 Este levantamento e estudo ocorreu entre 2022 e 2025 no âmbito do projeto ANTIMO já mencionado. O artigo ainda se encontra no prelo, mas o grupo produziu um mapa com todas as cidades que, de alguma maneira, foram comparadas às cidades gregas antigas na América Latina. O mapa pode ser acessado em: <https://humanidadesdigitales.uc3m.es/s/antimo/page/inicio1>. Enquanto as reflexões sobre o Brasil ainda se encontram no prelo, pelo site do projeto e pelo mapa é possível ter uma boa noção de que não se trata de um fenômeno isolado, mas presente em toda América Latina.

2 Lady Selma Albernaz, *O “urro” do boi de Atenas. Instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão* (tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas), 2004; Antonio Evaldo Almeida Barros, Manoel de Jesus Barros Martins y Wagner Cabral da Costa, “Fases da Atenas Brasileira: arqueologia de um repertório de memória e identidade”, em Cadernos de Resumos do XII Encontro Humanístico, ed. por Ricieri Carlini Zorzal (São Luís: UFMA), 2012, p. 58; José Henrique de Paula Borralho, *A Atenas Equinocial: a fundação de um Maranhão no império brasileiro* (tese Doutorado,

Curitiba, a Hélade Paranaense (do Paraná) ou Mariana, Atenas Mineira, em referência a Minas Gerais³. Há estados em que mais de uma Atenas está presente, como é o caso de São Paulo em que foram localizadas várias “Atenas Paulistas” (São Carlos, Campinas, Piracicaba), mas ao que tudo indica, ao menos pelo que foi levantado nos jornais por Garraffoni e Vergara, não havia uma disputa entre as diversas “Atenas”, o apelido se dava quase sempre, entre o século XIX e primeira metade do século XX de forma positiva, indicando uma vitalidade urbana e de desenvolvimento.

Foi diante deste quadro diverso e extenso, em um primeiro momento não tínhamos ideia da quantidade de material existente, que decidimos que seria interessante realizar estudos mais aprofundados das referências em jornais e revistas. É por essa razão que em 2023, a partir de nosso grupo de pesquisa Antiga e Conexões, nos dedicamos a pesquisar as revistas e jornais de Curitiba, capital do Paraná, como estudo de caso. A opção por Curitiba não foi aleatória: trata-se da cidade onde vivemos, sede da Universidade Federal do Paraná onde desenvolvemos nossas pesquisas e, além disso, a recepção da Atenas Clássica é bastante recorrente na arquitetura urbana da cidade como na sua constituição literária. Ou seja, ao nosso ver, embora Curitiba esteja inserida no contexto das “Atenas” latino-americanas em geral e das “Atenas” brasileiras em particular, sua singularidade reside no fato de que Dario Vellozo, poeta e expoente do Simbolismo no Brasil, buscou transformar a cidade em uma espécie de “polis grega tropical”⁴. O literato fundou, junto com seus colegas intelectuais, uma série de jornais e revistas em que debatia uma variada gama dos aspectos da cultura helênica, esotérica e ocultista pagã. Além disso, entre 1910 e 1913 esse mundo helênico saiu dos poemas simbolistas e dos embates jornais, alcançando às ruas da cidade: durante as Festas da Primavera que Vellozo organizou neste período, havia a construção temporária de templos gregos de madeira, pessoas vestidas de togas e, segundo descrições, declamações poéticas e competições esportivas, no Passeio Público ou no *Club Curitybano*. Em 1918, em sua chácara foi erguido o Templo das Musas, local onde até hoje está sediado o Instituto Neopitagórico por ele idealizado⁵.

Universidade Federal Fluminense), 2009. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/22301>; Patrícia Raquel Lobato Durans Cardoso, “*LOBO X NASCIMENTO NA “NOVA ATENAS”*: literatura, história e polêmicas dos intelectuais maranhenses na Primeira República (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Maranhão), https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=849181; Fábio Vergara Cerqueira, “The “Athens of Brazil” in the Northeast (19th and 20th centuries)”, em *Environments: technoscience and its relation to sustainability, ethics, aesthetics, health and the human future*, ed. por V. Zuin (São Carlos: Brazilian Humboldt Kolleg), 2018, pp. 45-58. https://arquivosbrasil.blob.core.windows.net/insulas/anexos/environments_digital.pdf; Ricardo Leão, *Os Atenienses e a Invenção do Cânone Nacional* (São Luís: Editora Gea de Temas Maranhenses), 2013.

3 Sobre Curitiba, a Hélade Paranaense, veja Maria Tarcisa Silva Bega, *Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velhas* (Curitiba: Editora da UFPR), 2013 e Renata S. Garraffoni, *Os Antigos Gregos no acervo do Museu Paranaense: Recepção dos Clássicos, Poesia Simbolista e Política* (Curitiba: SAMP/Museu Paranaense), 2018. https://www.museuparanaense.pr.gov.br/sites/mupa/arquivos_restritos/files/documento/2020-09/antigosgregosfinal.pdf; Renata S. Garraffoni, “La Fiesta de la Primavera de 1911: un análisis de la presencia de los antiguos griegos en la modernidad de Curitiba”, em *La Antigüedad grecorromana como modelo e instrumento de modernización y transformación cultural en España y Latinoamérica*, ed. por Mirella Romero Recio e Jesus Salas Alvarez (Gijón: Ediciones TREA), 2025, pp. 151-170.

4 Garraffoni, “La Fiesta de la Primavera de 1911: un análisis de la presencia de los antiguos griegos en la modernidad de Curitiba”.

5 Garraffoni, *Os Antigos Gregos no acervo do Museu Paranaense...* e Garraffoni, “La Fiesta de la Primavera

Diante desta vitalidade e diversidade de documentação, o presente artigo visa analisar de forma mais detida como a Grécia Antiga aparece nos discursos sobre progresso na cidade de Curitiba na virada do século XIX para o XX. A partir de uma perspectiva crítica dos estudos de recepção da antiguidade na modernidade, analisaremos três revistas *Club Curitybano*, *A Penna* e *Azul* para compreender como a partir da História da Arte esses intelectuais constroem um novo lugar para a cidade e, conseqüentemente, geram embates identitários. Para tanto, iniciamos apresentando o contexto histórico, os estudos sobre as revistas e nossa posição teórica, para em seguida discutir as perspectivas de modernidade que surgem, influenciando na estética da cidade, bem como as identidades que se formavam.

Curitiba, a Hélade Paranaense

O estado do Paraná foi criado ainda no período imperial em 1853, quando este se emancipa de São Paulo. É neste período que Curitiba é escolhida a capital do novo estado. Embora tenha suas origens no século XVII, a cidade, neste momento, é modesta, mais rural que urbana, com cerca de 40 mil habitantes, restringindo-se a uma área que hoje é considerada o centro histórico da cidade: o Largo da Ordem e suas adjacências. No período que aqui nos interessa, final do século XIX e primeiras décadas do século XX, sua principal atividade econômica era o cultivo da erva mate para chá, atividade não muito usual, pois naquele momento o café é que estava em destaque no país. Ao ser transformada em capital do estado, a cidade passa por uma intensa modificação urbana e, tanto políticos como intelectuais, participaram de embates sobre seus espaços em meio a acirradas discussões que envolviam o positivismo, os ideais anticlericais, o abolicionismo, entre outras formas de pensamento.

Neste sentido, no final do século XIX, em especial após a Proclamação da República (1889), a cidade se encontra em reestruturação e crescimento e, talvez por isso, o *fin de siècle* curitibano seja um dos períodos mais estudados pela historiografia local. Em um primeiro momento, os estudos centram-se em questões econômicas e políticas, mas após o final da ditadura-civil militar e com a abertura política (1985), a Nova História dos *Annales* e os estudos marxistas, em especial de viés benjaminiano, aparecem com força nas pesquisas histórica e as abordagens se diversificam bastante, em especial na década de 1990, nos apresentando um panorama bastante complexo dos embates sociais e culturais ali enfrentados. Temas como, por exemplo, as novas identidades que surgiram a partir dos conflitos entre a população local - luso, afro-brasileira e indígena - com o incentivo da imigração europeia e, depois, nipônica para o estado do Paraná, os conflitos de fronteiras dada as novas demarcações de terras entre os estados ou a modernização urbana, eclodem a partir de análises sobre cotidiano, o trabalho, a ascensão burguesa⁶.

de 1911: un análisis de la presencia de los antiguos griegos en la modernidad de Curitiba”

6 Alguns destes trabalhos foram produzidos na década de 1990 e publicados posteriormente. Cf., por exemplo, Bega, *Letras e política no Paraná...*; Rafael Beltrami, *Da poesia na ciência: fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná – uma história de suas idéias* (Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do

No entanto, como destacamos, a presença grega antiga na cidade foi pouco estudada no campo historiográfico, embora haja alguns estudos literários, já que o Simbolismo, embora com menos destaque no Brasil, moldou gerações de poetas locais⁷. O que ocorre, nos poucos estudos historiográficos que encontramos, são menções ao contexto, muitas vezes ao estilo de Carvalho⁸, destacando que se trata de ideias europeias importadas, em especial de matriz francesa, ou de cotidiano da vida dos homens letrados, mas não se dedicam a aprofundar as formas pelas quais a presença grega se organiza nos discursos e atua em cada caso⁹. Talvez a grande exceção seja o trabalho de Maria Tarcisa Bega, da área da sociologia, que busca compreender os entrelaces entre política e literatura na cidade na virada do século XIX para o XX¹⁰.

Mesmo que seu estudo seja mais amplo e a presença helênica seja somente uma pequena parte do trabalho, a autora apresenta alguns argumentos aqui que vale a pena retomar. Para compreender como a Literatura, via Simbolismo, se consagra em Curitiba como meio importante de articulação intelectual e política, Bega chama a atenção para o fato de que a erva-mate tem um papel bem importante neste processo. A particularidade da produção da erva reside no fato de que, embora seja uma atividade agrária, seu controle dependeria da cidade, pois era o centro urbano, por meio da indústria, que produzia os recipientes para armazenamento e transporte, e da gráfica, que produzia a impressão dos rótulos. Esta relação campo-cidade permite uma expansão nas atividades na indústria da madeira, na metalurgia e litografia, fundamental para alavancar a produção cultural da cidade, já que muitas gráficas são concebidas para a produção de embalagens ou selo para o mate, mas posteriormente passam a produzir jornais e revistas literárias¹¹. Essa situação indica algumas das particularidades da cidade: embora com atividade rural, a erva-mate proporcionou uma pequena divisão do trabalho, concentrando as atividades de comércio e exportação na cidade de Curitiba. Desta combinação de fatores econômicos e culturais cria-se um ambiente bastante singular, pois

Paraná), 2002. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/27035>; Elizabete Berberi, *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba* (Curitiba: Aos Quatro Ventos), 1998; Ângela Brandão, *A Fábrica de Ilusão: O espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1913)* (Curitiba: Fundação Cultural), 1994; Marion Brepohl de Magalhães e Francisco Paz, *O Paraná reinventado: política e governo* (Curitiba: IPARDES), 2006; Luís Fernando Pereira, *Paranismo: o Paraná inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República* (Curitiba: Aos Quatro Ventos), 1998; Magnus Roberto Pereira, *Semeando iras rumo ao progresso*. (Curitiba: Editora da UFPR), 1996.

7 Guilherme Gontijo Flores, “O raro do reles: um latim de bandido”, em *A pau a pedra a fogo e a pique: dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski*, ed. por in: Marcelo Sandmann (Curitiba: Editora da Secretaria de Estado da Cultura), 2010, pp. 103-139; Miguel Sanches Neto, *A Reivindicação da província: a revista Joaquim e o espaço da estreia de Dalton Trevisan* (Campinas: Universidade Estadual de Campinas - Tese Doutorado em Teoria Literária, 1998; Ivan Justen Santana, *Emiliano Pernet: vida e poesia de província?* (tese Doutorado, Universidade Federal do Paraná), 2015. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/38341>; Susana Scramim, “Paulo Leminski e o Simbolismo”, em *A pau a pedra a fogo e a pique: dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski*, ed. por in: Marcelo Sandmann (Curitiba: Editora da Secretaria de Estado da Cultura), 2010, pp. 216-243.

8 José Murilo Carvalho, *A formação das Almas – O imaginário da República no Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras), 2014.

9 Tony Hara, *Saber Noturno – uma antologia de vidas errantes* (Campinas: Editora da Unicamp), 2017; Ariete Nasulicz Beltrami, *Proezas alquímicas: a ciência e o esoterismo de Dario Vellozo na terra das Araucárias (Curitiba 1890-1913)* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília), 2009. <http://repositorio2.unb.br/handle/10482/7839>.

10 Bega, *Letras e política no Paraná...*

11 Bega, *Letras e política no Paraná...*, 55.

mesmo que a cidade fosse periférica em um plano nacional, se diferenciou de outros centros urbanos de mesmo tamanho, sendo um campo fértil para atividades culturais, em especial os embates intelectuais que envolveram clericalistas, anticlericalistas e o movimento literário simbolista. Seria este cenário de ideias diversificadas que fomentou uma nova geração de letrados proporcionando uma série de embates pela construção da identidade da cidade e do estado, nos quais noções de cidadania e vida urbana foram debatidos a partir das referências diretas às *póleis* gregas antigas, em especial Atenas.

Ou seja, de toda a produção bibliográfica levantada, a pesquisa de Bega é a que apresenta uma análise mais sistemática desta relação entre mundo antigo e moderno, já que a quantidade de material é vasta e a autora entende que esse fenômeno tem suas especificidades em Curitiba. No entanto, seu trabalho está mais próximo das reflexões de Hardman¹² do que propriamente marque um estudo de recepção da antiguidade grega. O que Bega destaca de forma mais consolidada é uma abordagem que analisa os choques de temporalidades como parte constitutiva da modernidade. Assim como Hardman, depois Hara¹³, trabalha nas tensões geradas pelas relações entre projeções futuras e revalorizações dos passados, sendo o grego um deles. De fato, Hardman tem um papel importante neste período da década de 1990 e inspira tais trabalhos, como o de Bega, pois ao deslocar o eixo de discussão sobre a modernidade para as relações passado/presente, Hardman critica a posição hegemônica cultural, construída *a posteriori* pela crítica literária e historiográfica, de que o modernismo brasileiro se iniciaria somente com a Semana de Arte Moderna, que ocorreu em São Paulo, em 1922, abrindo espaço para o estudo do amplo e multifacetado universo sócio-cultural antes de 1922, o qual Curitiba faz parte. Temos, então, até aqui, o seguinte quadro a considerar: Curitiba era uma cidade pequena, entre o rural e o urbano, mas mesmo assim, imbricada nas discussões sobre modernidade. O estudo dessas discussões na virada do século XIX para o XX acaba eclipsado por uma noção de que São Paulo marcaria o início da modernidade com a Semana de Arte Moderna, tradição questionada a partir dos argumentos de Hardman que diversificam as abordagens possíveis.

Paralelamente a tais discussões, nos anos 1990 também se organizam os estudos de recepção dos clássicos na modernidade, com propostas de Martindale¹⁴ e Hardwick¹⁵. Como não é nossa intenção aqui destrinchar esse debate, mas pontuar uma mudança de perspectiva de análise, acreditamos que basta destacar que esses autores, na esteira dos estudos da linguagem, questionam a perspectiva de tradição como origem e passam a perceber as tensões e novas identidades que emergem quando releituras do mundo greco-romano surgem, podendo, no caso da Modernidade, ora legitimar poder e controle, ora questionar o *status quo*, tema bem desenvolvido depois por Settis¹⁶. Ou seja, este novo campo de pesquisa emerge do interior dos Estudos Clássicos e compreende que as relações com o mundo greco-romano,

12 Francisco Hardman, "Antigos Modernistas", em *Tempo e História*, ed. por Aduino Novaes (São Paulo: Companhia das Letras), 1992, pp. 289-305.

13 Hara, *Saber Noturno...*

14 Charles Martindale, *Redeeming the text – Latin poetry and the hermeneutics of reception* (Cambridge: Cambridge University Press), 1993.

15 Lorna Hardwick, *Reception Studies* (Oxford: Oxford University Press), 2003.

16 Salvatore Settis, *The future of the 'classical'* (Cambridge: Polity Press), 2006.

nas suas mais diversas dimensões, podem e devem ser analisadas de forma crítica e, especificamente no caso da Modernidade, no bojo dos nacionalismos e identidades emergentes conflitantes, abordagem que dialogamos neste artigo.

Neste sentido, defendemos que a presença grega não é mera cópia de uma forma de pensar europeia ou mais especificamente francesa, mas no contexto latino-americano adquire contornos específicos e móveis que transitam em discursos ora de embranquecimento da população e sua relação com o ocidente civilizado, ora de alteridade, do lugar do novo, de uma nova forma de se viver na cidade, distinto do que está presente no Velho Mundo. Ricardo del Molino Garcia possui alguns estudos bastante interessantes para América Latina nesta perspectiva, destacando que, para avançar no entendimento da presença dos antigos gregos (e/ou romanos) nos discursos políticos na América Latina é preciso explorar a semântica do contexto, as formas como a linguagem aparece nestas retóricas, pois os processos de circulação de saberes e ideias no contexto sul-americano é diversificado e nem sempre respondem aos modelos franceses, embora estes se fizessem presentes¹⁷.

Em seu estudo mais recente sobre as “Atenas latino-americanas” afirma que desde o período colonial já se percebe este fenômeno de atrelar cidades ao contexto grego, seja em discursos políticos, identitários ou religiosos¹⁸. Em seus levantamentos, é possível identificar diferentes tipos de “Atenas” que se formam: a dos discursos coloniais, a dos republicanos, as burguesas e as humanistas da Modernidade. No contexto que nos interessa nesta ocasião, temos, então, as burguesas e as humanistas, sendo as primeiras mais ligadas ao a um projeto político de exercício do poder e as humanistas, que emergem no início do século XX, em meio aos discursos de uma nova identidade da América Latina que pretende olhar de forma crítica o colonialismo. É nesta diversidade própria e mutações de sentidos que Molino Garcia afirma que tais discursos vão além da emulação europeia e constituem discursos próprios ora de continuidade do poder europeu, ora na sua contestação. Essa plasticidade e tensionamento, portanto, é o que chama atenção na forma como o estudioso aborda o tema.

Mas e o caso brasileiro? Embora Molino Garcia não trate do Brasil, já há alguns estudos em âmbito nacional considerando os estudos de recepção que nos interessa, como descrições mais ampla da questão por Cerqueira¹⁹ ou a reflexão de Augusto²⁰, no qual a autora procura explicar o fenômeno que nomeia de “*politeía tropical*”, no contexto político do Primeiro Reinado. Em seus argumentos, Augusto entende que a retomada dos gregos antigos surge em

17 Ricardo Molino Garcia, “Lecturas, interpretaciones y valoraciones de los clásicos greco-latinos en el tránsito del Antiguo Régimen a la Modernidad en Nueva Granada (1791-1815)”. Em *Lecturas del Pensamiento filosófico, político y estético*, ed. por Mari Carmen Garcia Herrera et ali (Cadiz: Universidad de Cadiz), 2007, pp. 417-430.

18 Ricardo Molino Garcia, “Las Atenas hispanoamericanas. Antigüedad, progreso y reforma social en las ciudades de América latina (siglos XVI-XIX)”, *Veleia*, 36 (2019.): 95-109. <https://doi.org/10.1387/veleia.20718>.

19 Cerqueira, “Atenas do Sul: Recepção e (Re)Significação do legado clássico na iconografia urbana de Pelotas”; Cerqueira, “The ‘Athens of Brazil’ in the Northeast (19th and 20th centuries)”.

20 Maria das Graças de Moraes Augusto, “Politeía tropical: a recepção dos clássicos, a tradição política no Brasil do século XIX e a tradução das Categorias aristotélicas por Silvestre Pinheiro Ferreira”, em *A recepção dos clássicos em Portugal e no Brasil*, ed. por Maria de Fátima Sousa Silva e Maria das Graças de Moraes Augusto (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra), 2015, pp. 15-68. <http://hdl.handle.net/10316.2/37035>.

um momento de constituição política, noções de cidadania e os direitos e deveres do Estado brasileiro que se formava. Seria por essa razão que autores gregos e romanos são traduzidos no Brasil em profusão ao longo do século XIX, se fazem presente nos movimentos literários e, também, nos debates políticos, em especial nas reflexões sobre pátria, nação e brasilidade. Sua principal contribuição é retirar as leituras francesas do centro do argumento e focar nos trabalhos de tradução dos textos gregos que intelectuais brasileiros realizaram em diferentes regiões do país, discutindo as particularidades das leituras nacionais dos antigos gregos. Ou seja, a partir das noções gregas, traduzidas e resignificadas, Augusto afirma que estes intelectuais brasileiros estariam criando uma “*politeia* tropical”: fundada na linguagem e trabalhada nos modos de vida do cidadão, entre a tradução de textos antigos e a formação da nação moderna brasileira. Essa chave de leitura permite avançar para além da noção de cópia ou emulação cultural e perceber as tensões inerentes ao processo identitário e nacional brasileiro em diferentes momentos. Permite, também, abordagens menos estanques, implicando a possibilidade de olhar o local, o particular de cada região do Brasil. Se concordamos com Augusto que a “*politeia* tropical” surge no Rio de Janeiro, ao combinar os estudos de recepção, com as particularidades da América como propostas por Molino Garcia, conseguimos expandir tais reflexões e compreender, de forma menos simplista, o significado da aposta de Dario Vellozo: *‘o Brasil será a Grécia da humanidade futura, possa ser Curitiba sua Atenas’*²¹. É a partir desta perspectiva que trabalharemos as revistas curitibanas a seguir.

A Revista do Club Curitybano, A Penna: Revista de Arte e Azul: Pela Arte

Como já destacado anteriormente, Curitiba do final do século XIX e início do XX, apesar de ser uma cidade pequena e com uma população que não era alfabetizada, por razões vinculadas ao cultivo da erva mate acabou desenvolvendo um ambiente propício para o surgimento de revistas literárias. Há uma grande diversidade de revistas, que tratavam de temas variados e repletas de ilustrações, tema que atrai Rosane Kaminski. A pesquisadora fez um amplo levantamento e estudo destas revistas e, além das reflexões acadêmicas, produziu um site em que podem ser acessadas²². Em um de seus artigos, Kaminski chama atenção sobre a diversidade tanto de textos e de imagens que evocavam o mundo grego nas páginas destas revistas²³. Além de poesias, citações em grego, reflexões que evocam filósofos da Antiguidade e artistas, há referências visuais com frontões, templos, instrumentos musicais e perfis femininos. Foi a partir deste levantamento prévio de Kaminski que selecionamos as três revistas que analisaremos a seguir: *Club Curitybano*, *A Penna: Revista de Arte e Azul: Pela Arte*. Assim,

21 Apud Beltrami, *Proezas alquímicas*:..., 179.

22 O site pode ser acessado em: <http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/apresentacao.php>. Para as publicações resultantes do projeto, além de Rosane Kaminski, “A presença das imagens nas revistas curitibanas entre 1900-1920”, *Revista Científica/FAP* 5, n.º 1 (2010). <https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/1578> e Rosane Kaminski, “Gosto brejeiro: as revistas ilustradas e a formação de juízos estéticos em Curitiba (1900-1920)”, em *Sentimentos na história*, ed. por Marion Brepohl, André Capraro e Renata Garraffoni (Curitiba: Editora da UFPR), 2012, pp. 229-272, veja a aba “Artigos” que contém produção de todos os que participaram da organização do site, financiado pelo CNPq/Brasil.

23 Kaminski, Gosto brejeiro: as revistas ilustradas e a formação de juízos estéticos em Curitiba (1900-1920)”, 265.

iniciamos com uma breve descrição de cada revista, para depois, a partir de notícias selecionadas analisarmos as intrincadas relações entre modernidade e antiguidade grega em suas páginas.

A Revista *Club Curitybano*

Em 25 de Setembro de 1881, o comerciante de erva-mate e pioneiro do setor de negócios, Comendador Ildefonso Pereira Correia (1849-1894), popularmente conhecido como Barão do Serro Azul, fundava na capital paranaense, o *Club Curitybano*. No contexto de uma cidade que buscava se aproximar de imaginários e estabelecer ideais urbanos de modernidade, o espaço de um *club* - pela grafia emprestada do inglês - promovia um local de sociabilidade que distinguia a elite do restante da população. Nesse sentido, seus esforços se direcionavam ao desenvolvimento de uma educação física e intelectual que fosse de encontro com os desejos culturais e morais dos grupos da “alta-roda” econômica e política do Paraná²⁴. Quase uma década mais tarde, após o ano de instituição do regime da República no Brasil, surge, em 1890, a revista *Club Curitybano*, encabeçada por Cyro Vellozo e tendo como relatores principais Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, e Cunha Brito, este último sendo substituído por Dario Vellozo, filho de Cyro, ainda no primeiro ano. A revista, de tiragem quinzenal até 1895 e periodicidade mensal após 1896, que congregava literatos de Curitiba, como professores, jornalistas e escritores, dirigiu-se primeiro aos frequentadores e membros do clube e, em um segundo momento, ao público amplo²⁵.

Em linhas gerais, o intuito da revista do *Club Curitybano*, era a formação de uma opinião pública própria da elite curitibana, que fizesse sentido com o projeto de sociedade paranaense que almejavam na virada do século XIX para o XX²⁶. De textos iniciais relativos aos hábitos de lazer e cultura de uma nova vida moderna profundamente ligada a beleza pessoal e a percepções estéticas, a opiniões políticas declaradamente republicanas e abolicionistas, estes homens, que se encontravam nos salões do *Club*, procuravam deixar uma espécie de legado às próximas gerações do início do século que seguisse os moldes de progresso regional. O próprio fundador do clube, o Barão do Serro Azul, de certa forma, encapsulava a imagem do “novo homem” da sociedade moderna visada, promotor de um capitalismo fundiário, maçom, republicanista, abolicionista e da elite burguesa local. Seguindo esses deslocamentos, o periódico se consolidava como a extensão pública de um desejo de transformação social que, sobretudo, se alicerçava na promoção da educação literária e da reivindicação de espaços como escolas, teatros e áreas de lazer²⁷. No primeiro número da primeira edição, editado e publicado em 1890, lia-se nas páginas da revista: “tem por objectivo de pôr os sócios a par de

24 Leonardo do Couto Gomes et. al. “A inserção da cultura física no clube curitibano: Um olhar sobre a revista Clube Curitibano (1890-1896)” *Anais do 13º Congreso Argentino de Educación Física y Ciencias* (Ensenada: Universidad Nacional de La Plata), 2019. https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.12988/ev.12988.pdf.

25 Couto Gomes et. al. “A inserção da cultura física no clube curitibano”.

26 Maria Isabel Moura Nascimento, *A Revista Clube Curitibano na constituição do ideário republicano para a formação do Novo Homem* (Ponta Grossa: Texto e Contexto), 2024. <https://www.textoecontextoeditora.com.br/produto/detalhe/-a-revista-clube-curitibano-na-constituicao-do-ideario-republicano-para-a-formacao-do-novo-homem-1ª-edicao/139>.

27 Nascimento, *A Revista Clube Curitibano...*

seu movimento litterario e diversivo e concorrer para educar-lhes e elevar-lhes o espirito e o coração, a intelligencia e o sentimento.”²⁸

A Penna: Revista de Arte

Com o despontar da imprensa na capital paranaense desde pelo menos meados do século XIX, o crescente acesso à produção gráfica pelos grupos burgueses, partidos políticos e agremiações intelectuais, resultou em muitos periódicos em circulação que, apesar de serem criados de um mesmo lugar social, dialogarem entre si, e concordarem na maioria das vezes, mantinham opiniões diversas acerca da vida política e cultural do cenário. Nesses entremeios, uma das principais matrizes causadoras de embates entre os pensadores locais, dizia respeito à posição da igreja católica frente aos ideais de livre pensamento, para os que defendiam o progresso racional e se opunham à autoridade clerical, partidários do chamado anticlericalismo, a ciência precisava predominar sobre o atraso da fé dogmática²⁹. Por outro lado, a força do “espírito” simbolista, em certa medida, vinha para resgatar uma sensibilidade relativa à natureza e os mistérios da vida, corpo e alma, deleitando-se sobre uma pulsão estética subjetivista que valorizava o individual e a ascese pessoal. Em 1895, Dario Vellozo, no comando de um grupo de intelectuais simbolistas, criou a revista *Cenáculo*, pretendendo uma elevação e aprimoração dos valores individuais pelas potências da escrita literária, a partir daí, foram criadas uma série de outras revistas pelos mesmos grupos de letrados que circulavam entre os periódicos.

Esse foi o caso de *A Penna: Revista de Arte*, fundada em 4 de abril de 1897 e extinguida ao final do mesmo ano com apenas 10 números, comandada pelos redatores Julio Pernetta e Romário Martins, e editada por Adolpho Guimarães. O periódico que, no seu primeiro número apresentava-se como a revista que “desprende-se das velhas praxes de programas alarmantes e extensos”, trazia ao final desta mesma edição, os avisos: “- A Penna recusa-se tratar de assumptos individuaes, abolindo igualmente as discussões sobre política local.” e “- A Penna tem como política a Republica, e como religião a Verdade”³⁰. Tendo em vista o espalhamento dos preceitos da Sociedade Teosófica no Brasil, da qual Dario Vellozo se tornou um dos pioneiros e divulgador entre os simbolistas curitibanos, os redatores de *A Penna* pareciam basear-se no lema da organização: “Não há religião superior à verdade”.

Sob esse pretexto, as páginas da revista exibiam artigos, ensaios e resenhas sobre temas do mundo da arte e de escritores que apreciavam, sobretudo fazendo homenagem aos destaques nacionais e locais do universo das letras³¹. Na questão visual, chama atenção também a marcação de um carimbo com um emblema composto por um hexagrama envolto em uma serpente que engole a si mesma, no centro do escudo há uma estrela, uma pena e um arado;

28 Optamos por manter a grafia original dos textos. *Club Curitybano*, 1, 1 (1890): 1.

29 Sandra do Rocio Ferreira Leal, *Projeto paranaense de civilização nas páginas da revista Clube Curitibano* (tese de Doutorado, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2020).

30 *A Penna*, 1, 1 (1897): 1.

31 Sílvia Gomes Bento de Mello. *Esses moços do Paraná...Livres circulação da palavra nos albores da República* (tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008).

este mesmo símbolo seria usado por Dario Vellozo como marca da Sociedade Neo-Pitagórica em 1909, mas já figurava em outros periódicos como a *Revista Azul* (1893) - a primeira simbolista fundada por Vellozo e Julio Pernetta - a do *Club Curitybano*, *Minerva*, *O Olho da Rua*, e outras. Além da posição anticlerical dos relatores da revista, é marcante a associação de Júlio Pernetta ao satanismo e a presença de temáticas ocultistas, esotéricas, pagãs e hermetistas nos textos de *A Penna*.

Azul: Pela Arte

No ano de 1900, o poeta e escritor Thiago Peixoto, natural de Antonina-PR e crescido em Curitiba, fundou, junto de Santa Ritta Junior, Evaristo Pernetta, Nicolau dos Santos, Adolpho Werneck e Euclides Bandeira, a mais nova revista da capital, *Azul: Pela Arte*. Com um nome que emprestava da antiga revista “Azul” de Dario Vellozo e Julio Pernetta, o periódico de 8 páginas estendeu-se por 17 volumes ao longo do mesmo ano, quando deu-se por findo. Seguindo a linha de outras revistas que se dedicavam majoritariamente aos fazeres artísticos, trazia, além de crônicas, poemas e ensaios, também perfis de escritores, editoriais e homenagens. Em seu primeiro número, o corpo de redatores abriu o periódico com um texto que homenageava a cor de nomeação escolhida e ressaltava a busca pelas sensações do belo, como que em um sonho de ideais, o azul permitisse flutuar pelas nuances do espírito humano.

Guia-nos a nós os pequeninos, guia-nos, Azul, com tua claridade soberana ao sacrario augusto, ao capitolio divino da Arte, onde os templarios do Ideal, os coloristas da Phrase, os cinzeladores da Forma, iniciados nos magnos mysterios do Bello impeccavel, genuflexos e recolhidos, erguem para Ella, n’uma oblação austera, o viatico resplandorado do Symbolo³².

Além da homenagem escrita à cor, o azul estava de fato presente nas folhas, era o matiz do pigmento utilizado na própria impressão da revista. Junto disso, destacavam-se também a presença de imagens, como fotos dos escritores citados, montagens gráficas de molduras e arabescos em torno dos textos, e a reprodução de alguns desenhos de Augusto Stresser. Nos conteúdos dos textos e na ordem estética, predominava um discurso “medievalizante”, como evidenciado pelo poema “Medieval” de Thiago Peixoto, com temas ligados à duelos de cavaleiros, castelos, e, também, a pastagens e cenários bucólicos/românticos, além de diversos assuntos de cunho místico e ocultista. Ainda, colaboraram ou figuraram por citação entre os números da revista, os mais conhecidos simbolistas regionais e nacionais do período, como Dario Vellozo, Romário Martins, Silveira Netto, Cruz e Souza e Júlia Lopes de Almeida.

32 *Azul: Pela Arte*, 1 (1900): 2.

História da arte e recepção dos clássicos como legitimação de discursos de progresso

Guardadas as devidas diferenças entre si, tanto a revista do *Club Curitybano*, quanto *A Penna e Azul* compartilhavam um mesmo fundo marcante que atravessava as três publicações de forma semelhante quando se dedicavam a teorizar o fazer artístico: a produção de um discurso de progresso civilizatório alicerçado no passado e apresentado como projeto de presente e futuro. Esse caminho trans-histórico, por sua vez, aparecia como uma espécie de destino *continuum*, e um exercício somente possível pela ascensão do espírito humano a partir do estudo da arte e da literatura. Os esforços estampados nas páginas das revistas podem ser lidos como uma forma de dar materialidade ao desejo de modernização da sociedade pela circulação de textos que objetivavam um caráter educativo aos leitores, ou seja, tirá-los da ignorância para o desenvolvimento coletivo do homem moderno. A recepção da antiguidade aparece como uma maneira de instrumentalizar os usos do passado, pela composição de uma “linha do tempo” progressista, davam conta de naturalizar a evolução do gênio humano pela exploração de exemplos de grandes nomes e da necessidade de renovação no presente. A definição de fases e movimentos artísticos promovia, então, a noção de que a herança do passado antigo precisava servir de inspiração para que se conserve a tradição e, ao mesmo tempo, ser seguida e superada pelos novos escritores.

Era comum encontrar nas páginas dessas revistas, ensaios que procuravam dar conta de estabelecer postulados sobre a história da arte ocidental percorrendo um caminho direto entre passado e presente. Embora permeados por alguns floreios literários, as opiniões eram bastante claras, assim, conseguiam cristalizar seus argumentos pela construção de uma dialética de conhecimento. A partir desse movimento, destacavam o caráter filosófico das correntes artísticas e alcançavam a manifestação de desejos políticos, assim, solidificavam seus argumentos ao recorrerem à um apego forte ao passado. Na edição n. 2 do ano de 1892, F. R. de Azevedo Macedo publicava na revista do *Club Curitybano* um ensaio denominado “A Arte moderna (Uma tentativa de estudo)” sob a reserva de uma “Seção filosófica” dentro do folhetim. No estudo público, apesar do autor considerar-se ignorante no assunto, propunha-se a dar o passo de redigir um texto experimental e seguir a linha da elevação pessoal pela investigação autodidata. “Qual minha pretensão publicando este trabalho? Será mostrar-me sabio? Será criar nomeada? Não por certo; eu não affirmo que a verdade esteja comigo em tudo, [...] o meu fim único é aprender”³³. O tema escolhido na ocasião era o movimento artístico do naturalismo: “o tão importante assumpto que me serve de these”³⁴.

Logo no início do estudo, Azevedo Macedo reflete acerca das dimensões filosóficas que acompanham as artes ao longo do tempo, estabelecendo uma relação conjugal e causal entre os dois campos de saber que se constroem em sincronia. “Em uma obra de arte transparece sempre a philosophia do tempo em que ella foi produzida; as doutrinas artísticas correspondem exactamente às doutrinas philosophicas. Ha sempre uma doutrina philosophica considerada superior e preferida por quasi todos a qualquer outra”³⁵. Dessa forma, torna-se

33 Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, “A Arte moderna (Uma tentativa de estudo)”. *Club Curitybano*, III, n.º 2 (1892): 4.

34 Macedo, “A Arte moderna (Uma tentativa de estudo)”, 4.

35 Macedo, “A Arte moderna (Uma tentativa de estudo)”, 4.

curioso notar que, apesar do autor declarar não ser detentor da verdade, tão cedo utiliza-se dos advérbios “sempre” e “naturalmente” a fim de deixar pré-estabelecido o que diz. Esse movimento não foi único de Azevedo Macedo e nem exclusivo desta revista, mas uma forma comum de conceder autoridade àqueles homens que se colocavam como formadores de opinião pública. Na mesma revista, na edição n. 11, ano de 1894, foi publicada postumamente uma redação de Francisco Cunha Brito acerca “Das Bellas Artes”. Na ocasião, o já falecido redator abre seu texto, de forma conservadora e pessimista, com a seguinte frase: “É factó incontestavel que a voz da arte ainda não passa de um debil e fraco vagido entre nós”³⁶ e não se detém em utilizar de colocações como “É isto infelizmente uma pura verdade”³⁷. Assim, revela-se a necessidade dos escritores de se projetarem como autoridades e detentores de um conhecimento adquirido pela autoerudição além do senso comum.

Em seguida, o progresso do “gênio” artístico, era o fator central que possibilitava e conferia sentido ao desejo de avanço civilizatório desses letrados. A questão estética era assim, mais do que simples vontade de agrado aos seus gostos, mas um instrumento chave para que o discurso de modernização funcionasse, uma vez que ele estaria perpetrado igualmente por filosofia, arte e política, englobando todas as esferas do viver cotidiano da capital paranaense. Dizia Cunha Brito no já mencionado texto: “ahi está finalmente a estetica, de cujo esculpulo estudo depende o aperfeiçoamento das artes, por isso que todos os escriptores são unanimes em considera-la como a philosophia da fôrma e da ideia, da razão e do sentimento.” E ainda, “É preciso principalmente que o publico se interesse por essa classe desprotegida e até, por que não se dizer francamente? mal apreciada entre nós [...]”³⁸. A arte, portanto, se apresenta para além de uma potência de desenvolvimento, mas também como uma régua de medida intelectual, “Se lançarmos uma vista d’olhos retrospectiva sobre os diferentes países do mundo civilizado veremos desde logo que a arte attingio sempre o seu mais alto grão de perfeição n’uma epocha de grande desenvolvimento intellectual e de aperfeiçoamento do gosto”³⁹. Três anos mais tarde, J. Moraes concordaria com a síntese de Brito na primeira edição da revista *A Penna* em 1897: “Tanto quanto a architettura, a pintura e a estaturia, a poesia antiga tem vindo até nós, denunciando a exuberante civilização dos povos e o sucessivo e rapido progresso da humanidade.”⁴⁰

Sendo assim, no argumento composto pelos literatos das revistas, por inspiração nas sociedades e nos mestres do passado, a comunidade local deveria cultivar e aperfeiçoar sua sensibilidade artística com o objetivo de não ficarem atrasados no progresso mundial. Estabelecendo etapas pela definição das principais escolas de arte que vigoraram no cenário global, o presente e o futuro eram os problemas a serem resolvidos, essas investigações, portanto, buscavam propor algumas respostas e soluções. O percurso da civilização, conforme postulado por F. R. de Azevedo Macedo na revista do *Club Curitybano*, dava-se da seguinte maneira:

36 Francisco da Cunha Brito, “Das Bellas Artes”, *Club Curitybano*, V, 11 (1894): 5.

37 Brito, “Das Bellas Artes”, 5.

38 Brito, “Das Bellas Artes”, 5.

39 Brito, “Das Bellas Artes”, 5.

40 José Moraes, “A Poesia - A Dario Vellozo”, *A Penna: Revista de Arte* 1, n.º 1 (1897): 7.

Assim, do metaphysismo greco-romano nasceu e progredio o classicismo;

Do sentimento do infinito, introduzido na sociedade pela philosophia crhistã, nasceu e progredio o romantismo.

Em fim, do positivismo philosophico nasceu modernamente o naturalismo;

Taes são as tres phases geralmente reconhecidas por que a Philosophia e a Arte têm passado.

Não nos estendemeos sobre cada uma dellas, para não pecarmos pela prolixidade; limitamo-nos á última phase.⁴¹

Dando sequência a esse primeiro argumento, Azevedo Macedo constrói um raciocínio bastante intrincado e com diferentes nomes de referência para justificar o porquê do naturalismo ser a escola de preferência. Partindo do “*esperimentalismo*” do método de Bacon e Galileu - em substituição ao *sylllogismo* de Aristóteles - relata que Locke o aplica à “*psychologia*” e que Coudillac e D. Stewart, se aproveitando deste, solidificam a “*psychologia-esperimental*”; para o direcionamento filosófico moral, Augusto Comte insere o “*methodo esperimental*” para lançar as bases da “*philosophia-positiva*” e Spencer a aperfeiçoa às ciências políticas. O naturalismo na arte então surge pela combinação dos fatores contidos na filosofia do método experimental e positivista para colocar o homem racional no centro. Pela observação da lógica de escrita do autor, percebe-se um expressivo apego à tese de desenvolvimento natural, gradual e de engrandecimento científico e social na dialética da sucessão de fases. “Determinámos a aparição do naturalismo na Arte como uma sequencia lógica dos acontecimentos que se tem operado na sciencia; determinámol-a como sendo fatalmente o pedestal em que a presente camada historica tem de construir o seu monumento artistico”⁴².

A fim de legitimar o conhecimento que produziam, como é possível observar, os letrados precisavam fundamentalmente recorrer ao estudo da história, dado que suas epistemologias só funcionavam pela relação de diferenciação com aqueles que “vieram antes”. “Para tornar sempre vivos na imaginação do povo os nomes daquelles que tudo emprenharam para o engrandecimento e glorificação da sua patria ahi está a Historia, a grande justicadora da humanidade”⁴³. Para especificar a análise para seus domínios, o das belas artes, da prosa e da poesia, criaram um *tópos* de investigação e de produção que configurava um campo delimitado de saber comum entre eles: o da história da arte. Foi aí que se determinavam autoridades e se encontravam versados o suficiente para citar por todos os lados os exemplos de gênios que deveriam servir de estímulo, impulso e incentivo à modernidade. Mais uma vez, os poetas, filósofos e escultores gregos e romanos tomam protagonismo: “ahi estão as bellas artes, que segundo um grande escritor, tanto cantam e civilisam com Homero, Camões e Virgilio, [...] como instruem e immortalisam com Phidias, Leonardo e Miguel Angelo”⁴⁴. Na revista *A Penna*, J. Moraes relata:

41 Macedo, “A Arte moderna (Uma tentativa de estudo)”, 4.

42 Macedo, “A Arte moderna (Uma tentativa de estudo)”, 4.

43 Brito, “Das Bellas Artes”, 5.

44 Brito, “Das Bellas Artes”, 5.

Explendida manifestação do genio, a poesia vale tanto ou mais do que as obras materiaes das gerações que se foram, legando-nos, com as pyramides do Egypto, a Venus de Milo, a Minerva de Phidias e os frescos da Capella Sextina, todo um enorme escritorio de documentos impremedouros nos versos de Anacreonte, de Homero e de Virgilio.⁴⁵

Aprofundando os percursos de objeção, os autores não só se remetem aos artistas antigos, como demonstram conhecer as suas obras e até mesmo criticá-los conforme o posicionamento que firmavam. Azevedo Macedo, denunciando o regime monárquico como fonte de “desnorreamento” da arte e desigualdade de poder, aponta o dedo aos poetas romanos que se dedicavam a tecer elogios aos governantes centralizadores: “Eis Horacio, Ovidio e Virgilio empregando mal seu talento quando fizéram delle instrumento de adulações dirigidas a Octavio”⁴⁶. O domínio do conhecimento histórico, assim, permitia que estes homens jogassem com as matérias que se apropriavam e instrumentalizassem o passado para que este corroborasse com o que alegavam, ou seja, moldando os exemplos históricos, faziam com que a antiguidade entrasse em ressonância com seus desejos. Pela produção de um discurso oblíquo, realocavam os antigos aqui e ali para ganhar força em seus embates modernos entre monarquia e república, estado e indivíduo, religião e anticlericalismo, catolicismo e ocultismo. Desse modo, resgatavam os gregos e romanos como seus “companheiros” de arguição. Retornando a Macedo em sua defesa árdua do naturalismo na revista do *Club Curitybano*, o autor discorre sobre a obra *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo, como um livro que,

apesar da moral atrazada que contém e das suas superstições que nelle abundam, não se pode negar que seja uma colleção de quadros da vida. Como diz um commentador: “É um quadro da civilização ainda em sua infância. Ahi se vê a passagem da vida guerreira à vida laboriosa, da sociedade heroica a uma sociedade nova, fundada sobre o trabalho e a prosperidade.”⁴⁷

Dessa forma, coloca Hesíodo na mesma esteira do progresso civilizador, como registro de uma passagem do espírito social a um nível mais elevado. Na sequência, como recurso máximo dessa abstração, mobiliza: “O grande Homero mesmo, o poeta cego, apesar de ser o descriptor dos feitos heroicos da Grecia tão misturados ainda de fabula e de verdade, apresenta-nos em suas obras pedaços de admiravel naturalismo”⁴⁸.

Em meio a um contexto nacional que, em finais de século se agitava para delinear as bases do modernismo, não é preciso dizer que a capital paranaense não poderia ficar para trás na produção de identidades regionais e, embora extremamente aspirantes da atmosfera europeia, os escritores “localistas” precisavam, como nunca, redigir a autenticidade de seus meios sócio-culturais e políticos. No entanto, conforme afirma Maria Tarcisa Bega, no caso

45 Moraes, “A Poesia - A Dario Vellozo”, 8.

46 Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, “A Arte moderna I - Bases do naturalismo”, *Club Curitybano*, III, 6 (1892): 4.

47 Macedo, “A Arte moderna (Uma tentativa de estudo)”, 4.

48 Macedo, “A Arte moderna (Uma tentativa de estudo)”, 4.

paranaense não havia heróis da terra e nem passados gloriosos no estado que servissem como alicerces para a fabricação de narrativas identitárias, a fim de preencher esse vácuo e promover o esquecimento do passado colonial, os letrados apontaram diretamente aos “princípios da civilização” ocidental e se colocaram como continuadores do legado greco-romano em Curitiba⁴⁹. Entre as revistas, por exemplo, não foram raras as homenagens feitas aos escritores que os colocavam à altura de filhos das musas ou dos grandes nomes da tradição épica helênica e latina. Em 1893, faleceu o escritor Lycio de Carvalho vítima de uma lesão cardíaca, para fazer votos de veneração póstuma, a revista do *Club Curitybano* assim publicou na segunda edição do ano:

Poeta, - suppunha nosso planeta um dos numerosos portos do Infinito, aonde surgira, missionario do Incognoscível, desferindo a sacrosanta lyra, - como os antigos rhapsodos da Grecia pagã; - aonde viera, eterno peregrino da saudade e do amor, procurar-os amorosamente, - qual o Orpheo mithologico, - sombra de sonho insonhado, - buscando-os em a nebulosa dos corações, em o hymeto das esperanças, - fervoroso e incansavel, embora lhe sangrassem as plantas, assinaladas dos sarcaes do infortunio; embora lhe rorejasse o peito, varado das settas do desengano!...⁵⁰

Silveira Netto, diferente de Lycio de Carvalho, foi agraciado ainda em vida com uma homenagem de capa na revista *Azul: Pela Arte* na edição n. 12 de 1900, que trazia estampada a reprodução de uma ilustração do escritor e poeta assinados por Augusto Stresser. Na redação, que considerava Silveira como um nome que “há muito vem transluzindo pomposamente nas fulvas irradiações do Verso, em bello destaque de real merecimento artistico”, há uma gloriosa exaltação da figura do poeta pela delicadeza e sensibilidade estética de suas escritas:

Fóra da obsessão poetica, desconsorciado do tyrsos e do septacordium de Anacreonte, Silveira sabe fazer tambem prosa castigada, de uma harmonia singularmente nova, suggestiva e fluente.

Mas, diga-se com franqueza, a accentuação personalíssima deste esteta, - seos nervos, sua indole, a sua idiosyncracia emfim, estão exclusivamente no verso, e é com a essencia mystica da poesia que elle ha de subir a escadaria de porphyro do summo-sacerdocio litterario [...]

Sim: ha de ser com a lyra de Terpandro que elle subirá ao solio da Arte, lá onde fulgem os verdadeiros templarios do Bello.⁵¹

Em ambos os textos, os redatores evocam figuras clássicas conhecidas por sua associação ao mundo da poesia e da canção, como Orfeu, Anacreonte e Terpandro, bem como, seus instru-

49 Bega, *Letras e política no Paraná...*, 486.

50 *Club Curitybano* IV, n.º 2 (1893).

51 *Azul: Pela Arte*, 1, 1, n.º12 (1900): 2.

mentos do fazer artístico - a lira e o *septicordium* - na intenção de equiparar a grandiosidade dos poetas simbolistas curitibanos àquela da excelência dos antigos gregos e romanos. Sendo assim, os grupos intelectuais da elite burguesa da capital paranaense encontravam meios de inventar e construir uma tradição própria que marcasse uma origem comum entre si e que servisse de potência solidificadora para o porvir. Esses deslocamentos operaram também como forma de silenciar o recente passado colonial e dar um salto em direção à modernização que se encontrava em voga no continente europeu e era recebida extensivamente no território brasileiro. A construção de um verdadeiro projeto de sociedade se deu, portanto, pelo forte diálogo entre a antiguidade greco-romana e o presente de tais homens, que ramificavam seus ideais pela circulação das revistas. Além disso, a naturalidade com que manejavam os textos e as referências clássicas revelam um profundo conhecimento do universo antigo que, pela recepção que empreendiam, os permitia dar significação aos seus discursos e elevarem o homem paranaense como herdeiro da cultura helênica na virada do século.

Considerações Finais

Ao longo desta reflexão procuramos argumentar, a partir de estudos mais recentes, que a recepção da Antiguidade Clássica é parte inerente da formação identitária e política do Brasil na modernidade. Dentro deste amplo escopo do que hoje se denomina Antiguidade Clássica, mais de dois mil anos de história cobrindo uma miríade de povos que conviveram, de forma amistosa ou não, em regiões que abarcam o norte da África, parte da Europa e o Oriente Próximo, o período preferido desses intelectuais foi bastante específico: a Grécia Clássica, do século V AEC, mais especificamente, Atenas. Neste contexto, no final do século XIX e início do XX, jornais e revistas brasileiras foram inundados com reflexões as mais diversas possíveis que re-situavam Atenas em diferentes discursos.

Atenas passa a ser apelido de cidades por todo o território nacional e gregos quase se tornam companheiros de arguição de tantos escritores. Se o fenômeno das “Atenas burguesas” pode ser localizado a partir do século XIX francês, como aponta Molino Garcia, é preciso compreender que não se trata de algo homogêneo, mas cada país latino-americano apresenta debates próprios que se interligam ou se excluem, dependendo do contexto. O que estaria em jogo aqui é uma nova leitura de Atenas já não mais presa ao mundo antigo, mas sim como uma espécie de modelo ideal para o liberalismo, pois traria em si liberdade, progresso, propriedade e comércio, confrontando o passado colonial, este sim atrasado e que precisa ser contestado. A proposta de Molino Garcia é instigante, pois sabemos que intelectuais circulavam suas ideias nestes meios públicos de debates, então, é possível perceber algumas semelhanças do contexto brasileiro, como também, suas particularidades, trazendo argumentos mais eficazes e menos simplistas que a ideia de cópia ou emulação.

Por outro lado, o Brasil tem dimensões continentais e sabemos que o fenômeno está presente em todas as regiões e, seguramente, tampouco se desenvolveu de forma homogênea. Por essa razão, estudos de caso, como o que fizemos a partir de Curitiba são interessantes: nos dão a dimensão da discussão. As três revistas mencionadas são exemplos de um *corpus* muito maior e, por essa amostra, se não podemos generalizar para todo o território nacional, ao

menos podemos trazer à tona alguns aspectos importantes desse fenômeno. Trata-se de um aspecto cultural da modernidade e, seguindo as trilhas de Hardman, podemos localizar uma relação clara nestes discursos entre passado/presente/futuro. Aqui os gregos não estão distantes, não são outros e nem europeus, são parte do mundo ocidental civilizado, compartilhado por aqueles que reconhecem o valor da arte e da literatura. Ou seja, são parte de dispositivos de discursos que equiparam o passado ao presente de quem fala e lhes concede autoridade. A arte, bem como a cultura grega, tem uma função específica nestes discursos na modernidade curitibana: afasta a nova masculina de elite burguesa ilustrada do atraso colonial português. Ao produzir um discurso de inserção de Curitiba na tradição ocidental moderna e de progresso, tais intelectuais criam um projeto de superioridade cultural próprio, afinal, a “Helade Paranaense” do final do século XIX e início do XX era uma cidade que cultivava as letras, mesmo que a maioria da população fosse analfabeta. É um projeto identitário, que separa mundos (letrados/não letrados) e, quando os aproxima, é a partir de uma educação bastante enviesada. Muitos destes escritores eram, também, professores, mas poucos, no caso de Curitiba, se tornaram políticos, daí a circulação de tais ideias em revistas, cafés, clubes e escolas, gestando inclusive o projeto da primeira universidade do Brasil, a Universidade do Paraná, posteriormente, Universidade Federal do Paraná. Neste sentido, cultivar a arte e a literatura, mais do que a mera erudição, era, também, um lugar de poder simbólico e destaque social na cidade que se modernizava.

Engana-se, por fim, quem acredita que tal fenômeno se restringe à Primeira República e fica restrito às elites burguesas que se formavam. Talvez esse seja o aspecto mais surpreendente deste fenômeno da relação entre passado antigo e presente no país, sua constante reinvenção. Se o leitor ou a leitora tiver um tempinho e seguir lendo os jornais disponíveis on-line pelo site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, notará rapidamente que, ao longo do século XX, com a difusão da cultura de massa, em especial o rádio e, depois, a TV, outras “Atenas” surgem, ao mesmo tempo que as antigas “Atenas” letradas da Primeira República, com seus centros históricos neoclássicos ou ecléticos, passam a se tornar atrativas para o turismo. Se assim não fosse, não haveria explicação para o fato de que, ao sair do aeroporto de São Luiz do Maranhão, viajantes são surpreendidos com uma placa oficial do Estado do Maranhão de boas-vindas, indicando a estrada que leva à “Atenas Brasileira”, em pleno século XXI! Tema, claro, para outra reflexão, mas a persistência, seja em novas mídias ou no fomento ao turismo histórico, indica a capacidade deste imaginário capitalista de se reinventar.

Referências

Azul: Pela Arte. Anno 1, Tomo 1, n.º 12, 1900.

Albernaz, Lady Selma. *O “urro” do boi de Atenas. Instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2004.
<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/329151?guid=1751049327448&returnUrl=%2fresultado%2fflistar%3fguid%3d1751049327448%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d329151%23329151&i=2> .

Dossier "Historia antigua en Iberoamérica"

DOI: <https://doi.org/10.22517/25392662.25874>

- Augusto, Maria das Graças de Moraes. “Politeia tropical: a recepção dos clássicos, a tradição política no Brasil do século XIX e a tradução das Categorias aristotélicas por Silvestre Pinheiro Ferreira”. Em *A recepção dos clássicos em Portugal e no Brasil*, editado por Maria de Fátima Silva e Maria das Graças de Moraes Augusto, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, pp. 15-68. <http://hdl.handle.net/10316.2/37035>.
- Barros, Antonio Evaldo Almeida, Manoel de Jesus Barros Martins e Wagner Cabral da Costa. “Faces da Atenas Brasileira: arqueologia de um repertório de memória e identidade”. Em *Cadernos de Resumos do XII Encontro Humanístico*, editado por Ricieri Carlini Zorzal, 58. São Luís: UFMA, 2012.
- Bega, Maria Tarcisa Silva. *Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha*. Curitiba: Editora da UFPR, 2013.
- Beltrami, Ariete Nasulicz. *Proezas alquímicas: a ciência e o esoterismo de Dario Vellozo na terra das Araucárias (Curitiba 1890-1913)*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2009. <http://repositorio2.unb.br/handle/10482/7839>.
- Beltramini, Rafael. *Da poesia na ciência: fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná – uma história de suas idéias*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, 2002. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/27035>.
- Berberi, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- Borrvalho, José Henrique de Paula. *A Atenas Equinocial: a fundação de um Maranhão no império brasileiro*. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2009. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/22301>.
- Brandão, Ângela. *A Fábrica de Ilusão: O espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1913)*. Curitiba: Fundação Cultural, 1994.
- Brito, Francisco da Cunha. “Das Bellas Artes”. *Club Curitybano*, ANNO V, n.º 11, (1894): 5-7.
- Brepohl de Magalhães, Marion e Francisco Paz. *O Paraná reinventado: política e governo*, Curitiba: IPARDES, 2006.
- Cardoso, Patrícia Raquel Lobato Durans. “Lobo x Nascimento na “Nova Atenas”: literatura, história e polêmicas dos intelectuais maranhenses na Primeira República”. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Maranhão, 2013. https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=849181.
- Carvalho, José Murilo. *A formação das Almas – O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Cerqueira, Fábio Vergara. “Atenas do Sul: Recepção e (Re)Significação do legado clássico na iconografia urbana de Pelotas”. Em *Almanaque do Bicentenário de Pelotas. Volume 2: Arte e Cultura*, editado por Luís Rubira, 415-460. Santa Maria: Gráfica e Editora Pallotti, 2014.

Cerqueira, Fábio Vergara. “The ‘Athens of Brazil’ in the Northeast (19th and 20th centuries)”. Em *Environments: technoscience and its relation to sustainability, ethics, aesthetics, health and the human future*, editado por Vânia Zuin, 45-58. São Carlos: Brazilian Humboldt Kolleg, 2018. https://arquivosbrasil.blob.core.windows.net/insulas/anexos/environments_digital.pdf.

Club Curitybano. Anno 1, n. 1, 1890.

Do Couto Gomes, Leonardo, Mariana de Paula, Leticia Cristina Lima Moraes, Duilio Queiroz de Almeida e Marcelo Moraes e Silva. “A inserção da cultura física no clube curitibano: Um olhar sobre a revista Clube Curitibano (1890-1896)”. Em *Anais do 13º Congresso Argentino de Educación Física y Ciencias*. Ensenada: Universidad Nacional de La Plata, 2019. https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.12988/ev.12988.pdf.

Flores, Guilherme Gontijo. “O raro do reles: um latim de bandido”. Em *A pau a pedra a fogo e a pique: dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski*, editado por Marcelo Sandmann, 103-139. Curitiba: Editora da Secretaria de Estado da Cultura, 2010.

Garraffoni, Renata Senna. *Os Antigos Gregos no acervo do Museu Paranaense: Recepção dos Clássicos, Poesia Simbolista e Política*. Curitiba: SAMP/Museu Paranaense, 2018. https://www.museuparanaense.pr.gov.br/sites/mupa/arquivos_restritos/files/documento/2020-09/antigosgregosfinal.pdf.

Garraffoni, Renata Senna. “La Fiesta de la Primavera de 1911: un análisis de la presencia de los antiguos griegos en la modernidad de Curitiba”. Em *La Antigüedad grecorromana como modelo e instrumento de modernización y transformación cultural en España y Latinoamérica*, editado por Mirella Romero Recio y Jesus Salas, 151-170. Gijón: Ediciones TREA, 2025.

Hara, Tony. *Saber Noturno – uma antologia de vidas errantes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

Hardman, Francisco. “Antigos Modernistas”. Em *Tempo e História*, editado por Adauto Novaes, 289-305. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Hardwick, Lorna. *Reception Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

Kaminski, Rosane. “A presença das imagens nas revistas curitibanas entre 1900-1920”. *Revista Científica/FAP* 5, n.º 1, 2010. <https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/1578>.

- Kaminski, Rosane. “Gosto brejeiro: as revistas ilustradas e a formação de juízos estéticos em Curitiba (1900-1920)”. Em *Sentimentos na história*, editado por Marion Brepohl, André Capraro e Renata Garraffoni, 229-272. Curitiba: Editora da UFPR, 2012.
- Leal, Sandra do Rocio Ferreira. *Projeto paranaense de civilização nas páginas da revista Clube Curitibano*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2020.
- Leão, Ricardo. *Os Atenienses e a Invenção do Cânone Nacional*. São Luís: Editora Gea de Temas Maranhenses, 2013.
- Macedo, Francisco Ribeiro de Azevedo. “A Arte moderna (Uma tentativa de estudo)”. *Club Curitybano*. ANNO III, n.º 2, (1892): 4-5.
- Macedo, Francisco Ribeiro de Azevedo. “A Arte moderna I - Bases do naturalismo”. *Club Curitybano*. ANNO III, n.º 6, (1892): 4.
- Martindale, Charles. *Redeeming the text – Latin poetry and the hermeneutics of reception*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- Mello, Sílvia Gomes Bento de. *Esses moços do Paraná. Livre circulação da palavra nos albores da República*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- Molino Garcia, Ricardo. “Lecturas, interpretaciones y valoraciones de los clásicos greco-latinos en el tránsito del Antiguo Régimen a la Modernidad en Nueva Granada (1791-1815)”. Em *Lecturas del Pensamiento filosófico, político y estético*, editado por Mari Carmen Garcia Terrera et ali, 417-430. Cadiz: Universidad de Cadiz, 2007.
- Molino García, Ricardo. “Las Atenas hispanoamericanas. Antigüedad, progreso y reforma social en las ciudades de América latina (siglos XVI-XIX)”. *Veleia*, 36, (2019): 95-109. <https://doi.org/10.1387/veleia.20718>.
- Moraes, José. “A Poesia - A Dario Vellozo”. *A Penna: Revista de Arte* 1, n.º 1, (1897): 7-8.
- Nascimento, Maria Isabel Moura. *A Revista Clube Curitibano na constituição do ideário republicano para a formação do Novo Homem*. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2024. <https://www.textoecontextoeditora.com.br/produto/detalhe/-a-revista-clube-curitibano-na-constituicao-do-ideario-republicano-para-a-formacao-do-novo-homem-1a-edicao/139>.
- Pereira, Luís Fernando. *Paranismo: o Paraná inventado: cultura e imaginário no Paraná da República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- Pereira, Magnus Roberto. *Semeando iras rumo ao progresso*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.
- Sanches Neto, Miguel. *A Reivindicação da província: a revista Joaquim e o espaço da estreia de Dalton Trevisan*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

Santana, Ivan Justen. *Emiliano Pernetá: vida e poesia de província?* Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, 2015. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/38341>.

Scramim, Susana. "Paulo Leminski e o Simbolismo". Em *A pau a pedra a fogo e a pique: dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski*, editado por Marcelo Sandmann, 216-243. Curitiba: Editora da Secretaria de Estado da Cultura, 2010.

Settis, Salvatore. *The future of the 'classical'*. Cambridge: Polity Press, 2006.